



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA- CESP
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

JOSILENE PEREIRA DE OLIVEIRA

MACABÉA:

**As características de preconceito regional na obra *A Hora da Estrela* de
Clarice Lispector**

**Presidente Dutra- MA
2023**

JOSILENE PEREIRA DE OLIVEIRA

MACABÉA:

As características de preconceito regional na obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector

Monografia apresentada junto ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Jonh Jefferson Nascimento
Alves

**Presidente Dutra – MA
2023**

Oliveira, Josilene Pereira de.

Macabéa: as características de preconceito regional na obra A Hora da Estrela de Clarice Lispector / Josilene Pereira de Oliveira. – Presidente Dutra, MA, 2023.

... f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, 2023.

Orientador: Prof. Me. Jefferson do Nascimento Alves.

1.Preconceito regional. 2.Migração. 3.Claice Lispector. 4.Macabéa.
I.Título.

CDU:80:316.647.82

JOSILENE PEREIRA DE OLIVEIRA

MACABÉA:

As características de preconceito regional na obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Jonh jefferson do Nascimento Alves
Mestre em Letras - UERN

Prof. (a) Rhusily Reges da Silva Lira
Mestre em Letras - UFPI

Prof. (a) Laize Oliveira Silva
Especialista em Letras

DEDICATÓRIA

Eu dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, pois sem ele nada seria possível. Meu esposo, Islan dos Santos Lima que sempre esteve comigo me incentivando a não desistir dos meus objetivos.

A meus pais: Maria Rita Pereira e Honorato Francisco de Oliveira.
E em especial, a minha filha Driza Isla Oliveira S. Lima que é meu motivo para seguir sempre em frente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força para superar as dificuldades. A UEMA de Presidente Dutra que me deu a oportunidade de adquirir conhecimento através deste curso.

Ao meu orientador, Jonh jefferson do Nascimento Alves, por me possibilitar a conclusão deste trabalho. A minha família e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a finalização da minha graduação.

“Quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial”.
Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre as características de preconceito regional na obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, tendo como objetivo de investigação a personagem Macabéa e a análise da migração nordestina. Desta forma, trataremos do preconceito a partir da história da protagonista e da participação do narrador Rodrigo S.M. que é responsável por descrever a personagem. A pesquisa se fundamenta a partir de dados bibliográficos e estudos sobre o tema, além da análise da narrativa literária.

Palavras-chave: Preconceito Regional. Rodrigo. Clarice Lispector. Macabéa.

ABSTRACT

The present work discusses the characteristics of regional prejudice in the work *A Hora da Estrela* by Clarice Lispector, with the objective of investigating the character Macabéa and the analysis of northeastern migration. In this way, we will deal with prejudice based on the protagonist's story and the participation of the narrator Rodrigo S.M, who is responsible for describing a character. The research is based on bibliographic data and studies on the subject, in addition to the analysis of the literary narrative.

Keywords: Regional Prejudice. Rodrigo. Clarice Lispector. Macabéa.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ESCRITORA E SUA OBRA	12
2.1	Clarice e o drama da existência	12
2.2	A Hora da Estrela: Enredo	15
2.3	A obra e a crítica literária	17
3	MIGRAÇÃO E O PRECONCEITO REGIONAL	19
3.1	As conceituações de migração	21
3.1.1	As implicações da migração e o preconceito geográfico	21
3.1.2	O preconceito regionalista na literatura brasileira	24
4	AS CARACTERÍSTICAS DO PRECONCEITO REGIONAL EM A HORA DA ESTRELA	26
4.1	Macabéa	28
4.2	O silêncio de Macabéa	31
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Clarice Lispector é uma escritora reconhecida pelo seu estilo intimista, sempre levantando questionamentos sobre o ser e a forma em que ele se comunica com o mundo. Além de mostrar a vida cotidiana comum. Esse aspecto está sempre presente em suas obras e em suas personagens, onde a maioria delas são oprimidas pelo meio social.

Em a Hora da Estrela (1977), Clarice Lispector mostra uma realidade que muitos nordestinos vivem quando se deslocam para outras regiões do país. A autora recorre a personagem Macabéa para fazer uma crítica social, a respeito do preconceito regional sofrido por migrantes da região Nordeste que saem rumo a região Sudeste do país. identificar-se na obra, que a personagem pertence ao grupo anti-herói, e não consegue se encaixar na sociedade que está inserida e que se depara com uma cidade toda feita contra ela.

Analisar a personagem, implicar observá-la como instrumento literário de estudo para entender as causas e características do preconceito regionalista sofrido pelo povo nordestino em outras regiões do Brasil. Ao se abordar a história de Macabéa, busca-se compreender as causas para atitudes de cunho preconceituoso praticado contra um povo.

Este estudo visa analisar a obra de Clarice Lispector em alguns âmbitos, delimitando se apenas nas características da personagem e no movimento migratório da região Nordeste. A escolha do tema se deu através dos mínimos detalhes descritos de uma nordestina em sua leitura.

Sendo assim, este estudo foi dividido em três etapas: no primeiro capítulo procurou-se fazer considerações importantes sobre a autora e seu itinerário. Recorrendo a um breve resumo, que compõe os dramas existenciais da autora, tendo em vista que Clarice Lispector também possui grande riqueza literária em obras. Neste mesmo capítulo, apresenta-se o enredo da narrativa que é objeto de análise deste trabalho. Apresenta a personagem e o desfecho de sua história, além de expor algumas visões de críticos literários a respeito do assunto.

Na segunda etapa do trabalho, apresenta-se um estudo acerca do preconceito regionalista e a sua causa devido a fluxos migratórios internos no Brasil. Esse estudo se dá por meio de obras e escritores como: Durval Muniz de Albuquerque Junior no livro *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar as fronteiras da discórdia* (2017), Eunice Durhan *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo* (1973), Marcos Bagno *preconceito linguístico o que é, como se faz* (2007), além de análises nas obras *o Quinze* (1930) de Rachel de Queiroz e de *Graciliano Ramos em vidas secas* (1938).

Já na última etapa que inclui o último capítulo inicia com a explicação de Durval Muniz para entender as causas do preconceito tratado é preciso entender como se deu a construção do Estado Nacional brasileiro. A partir dessas premissas são expostas também as características de preconceito na obra, o papel do narrador, a linguagem da autora e o pedido de socorro de Macabéa que é silenciado no texto.

2 ESCRITORA E SUA OBRA

2.1 Clarice e o drama da existência

A literatura, segundo Candido (2011) aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. No Brasil entre 1945 e 1978, o país vivenciava o fim da Ditadura e acompanhava, o início de uma nova geração de escritores, os quais abordariam em seus escritos temas sociais e regionais de uma forma mais crítica.

Esse novo grupo de autores fazia parte do movimento que ficaria conhecido como terceira fase do modernismo no Brasil. Escritores como: Guimarães Rosa, Mário Quintana, Lygia Fagundes Telles, Ariano Suassuna e em especial, Clarice Lispector. As obras produzidas nesse período apresentavam a realidade no dia a dia comum, sua escritura mostrava a vida moderna através de uma linha psicológica e intimista. Muitas delas possuíam cunho regional, onde se apresentava o Nordeste ou o nordestino e suas raízes.

A autora (ao que parece uma jovem estreante) colocou seriamente o problema do estilo e da expressão. Sentiu que existe uma certa densidade afetiva e intelectual que não é possível exprimir se não procurarmos quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas, novos torneios, associações diferentes das comuns e mais fundamente sentidas (CANDIDO; ANTONIO, 1995, p. 128), Clarice marcou a produção literária com seu estilo intimista, além de trabalhar o psicológico dos personagens de forma individual e descrever o cotidiano que muitos desconheciam.

Aos 23 anos, em 1943, ela publica o seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. E o seu estilo único causa espanto no meio literário da época, onde a literatura tratava de temas limitados como problemas da realidade social, Clarice Lispector introduz uma obra de caráter existencial e psicológico. E mesmo havendo críticas, no ano seguinte a escritora ganhou o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras.

Perto do coração selvagem é, ainda na interpretação de Antônio Candido, “uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorado, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio

de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar nos labirintos mais retorcidos da mente”. (NUNES, BENEDITO, p. 12, 1989).

Em suas obras Clarice dedica-se a descrever uma realidade pouco explorado no meio literário. Suas personagens a maioria são mulheres comuns que tentam sobreviver no meio de uma sociedade preconceituosa e buscam conquistar o direito de pertencer a mesma. Sobre isso, Terry Eagleton (2003, p.182) comenta:

“Assim, para a sociedade dominada pelos homens, o homem é o princípio fundamental e a mulher é o oposto excluído deste sistema; e enquanto tal distinção for rigidamente mantida, todo o sistema pode funcionar com eficiência.”

Homens e mulheres sempre tiveram papéis distintos na sociedade. O homem sempre ocupou um lugar de autoritário e patriarcal e as mulheres seu dever era voltado unicamente para a família; criação dos filhos e cuidar do lar, sem qualquer direito de escolher seu futuro.

Em *Perto do Coração selvagem* Joana é a personagem principal, órfã de mãe e um pouco mais tarde também perde seu pai, ela se vê obrigada a morar com sua tia, mas futuramente será deixada em um internato. Quando sai do internato casa-se, porém o seu relacionamento não é duradouro. É possível ver que em todo o desfecho da história a personagem principal está sempre em uma busca constante para encontrar a razão de sua existência, a procura por seu lugar no mundo.

Clarice é uma mulher cheia de sensações, reservada e sentimentalista. Sua escrita transcreve suas angústias a respeito da vida e o drama da existência. Devido suas perdas existia uma incansável busca para amenizar o vazio que via em sua existência. A perda e a saudade da mãe é um traço que sempre esteve presente em seus escritos.

– *Você tem paz, Clarice?*
 – *Nem pai nem mãe.*
 – *Eu disse “paz”.*
 – *Que estranho, pensei que tivesse dito “pais”. Estava pensando em minha mãe alguns segundos antes. Pensei – mamãe – e então não ouvi mais nada. Paz? Quem é que tem? (MOSER, Benjamin. Clarice, uma biografia. São Paulo: Cosac Naify, 2013)*

Tais acontecimentos e tragédias pessoais em sua vida, ocuparam o cenário dos seus trabalhos, personagem ou o próprio narrador. A escritora preocupava em descrever o psicológico das personagens, analisando as realidades narradas sob uma ótica subjetiva, particular.

Assim, em 1946 publica *O lustre*, obra pouco explorada. A autora continua mantendo em seus textos uma mulher como a personagem principal, e que busca conhecimento de si mesma. Este foi um dos livros pouco comentado e fez com que Clarice ficasse inquieta sobre o que os críticos achavam da obra. Em uma de suas cartas ela desabafa que sempre espera notícias. “o que é que há sobre *O Lustre*? Espero sempre notícias” (OLGA, BORELLI, 1981, p. 114).

Lispector estava aflita por não saber como seu livro foi recebido por seus leitores e principalmente pelos críticos literários:

Recebi carta de Fernando Sabino, de Nova York, ele diz que não compreende o silêncio em torno do livro. Também não compreendo, porque acho que um crítico que elogiou um primeiro livro de um autor, tem quase por obrigação anotar pelo menos o segundo, destruindo-o ou aceitando. (OLGA, BORELLI, 1981, p. 115).

No livro *Clarice Lispector* esboço para um possível retrato de Olga Borelli, a autora deixa transparecer em diversas cartas para suas irmãs e amigos sua enorme inquietação sobre o silêncio que seu livro causou no meio literário.

Passando a fase turbulenta do seu segundo livro Clarice publica *Cidade Sitiada* em 1949, composto por doze capítulos e alguns contos em 1952. E em 1977 é publicado o último romance da escritora *A Hora da Estrela* que retrata a vida de uma Nordestina em uma cidade toda feita contra ela, como a própria autora descreve.

Devido a enorme produção de Clarice Lispector, selecionou-se a obra *A Hora da Estrela* (1977) como objeto de estudo, pois se torna uma de suas melhores obras que descreve o que ela queria perpassar em todas as anteriores. Pretende-se, então, fazer um levantamento acerca da fortuna crítica desta obra.

2.2 A Hora da Estrela: Enredo

A Hora da Estrela (1977) é construída através de uma visão de mundo, resultado de buscas para entender o ser e a forma em ele se comunica e interage em sociedade. Talvez com esta obra ele ainda não tenha encontrado as respostas que quisera, mais como ele mesmo fala: quem sabe se mais tarde não saberá.

“Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes” (Lispector, 1977, p.9)

Esta narração apresenta a história de Macabéa, uma nordestina órfã de pai e mãe, recém chegada ao Rio de Janeiro. Sua narrativa descreve às dificuldades que ela tem de enfrentar, em uma cidade grande por simplesmente ser uma mulher diferenciada.

A narrativa constrói-se em torno do preconceito em que Macabéa sofre da sociedade. Ela tem sua ingenuidade pisada pelo meio em que está inserida. Apesar do título do livro ser A Hora da Estrela, esse grande momento só acontecerá no final do livro, porém esta hora não será algo positivo.

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. (Lispector, 1977, p.11, 12)

Macabéa é uma moça alagoana criada por uma tia que a levou para o Rio de Janeiro. Quando sua tia morre, ela vai dividir um quarto com outras mulheres que não conhecia. Devido sua situação financeira as vezes se alimenta apenas com cachorro quente e dormia sempre com fome. Ela também tem um emprego de datilógrafa em um escritório, mas por ser semi-analfabeta, acabando cometendo erros ortográficos ate que o então chefe diz que vai despedi-la.

Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra, a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. (Lispector, 1977, p.13)

Um dia mentindo que iria ao dentista, sai para passear e é onde conhece Olímpico de Jesus. Um rapaz também nordestino que saiu de sua cidade por ter matado um homem. Ele trabalhara em uma metalúrgica posição de orgulho para Macabéa.

A partir desse encontro inesperado os dois iniciam um namoro, e em um de seus encontros eles foram ao zoológico, a jovem fica encantada mais em todo o momento é maltratada em palavras por Olímpico mais sua ingenuidade não a deixa entender a situação que ela vivencia. Mais tarde Olímpico chega a romper com a moça por conta de sua colega Glória que é mais bonita e tem um lindo corpo.

Maio, mês das borboletas noivas flutuando em brancos véus. Sua exclamação talvez tivesse sido um prenúncio do que ia acontecer no final da tarde desse mesmo dia: no meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo. (Lispector, 1977, p.41)

Neste momento, a narrativa passa a mostrar uma realidade maldosa em que essa jovem vive. No início do livro o narrador deixa claro que essa realidade o incomoda e ele se ver obrigado a falar de Macabéa, e as vezes ele não sabe se realmente está falando dela ou de si próprio.

“Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim, mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus. Quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim.”

Sozinha novamente Macabéa é digna da pena de Glória por tomar seu namorado. Ela então indica uma cartomante Madame Carlota. A cartomante diz a Macabéa que conhecerá um estrangeiro rico que casará com ela e lhe dará amor e roupas caras.

Feliz com a notícia que recebera ela sai imaginando um novo futuro para si, mas ao atravessar a rua um carro de luxo a atropela e bate com a cabeça na quina da

calçada. Nesse momento o leitor não imagina o que poderia acontecer, mais Macabéa acaba morrendo e é nesse momento sua hora de estrela.

Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho. (Lispector, 1977, p.78, 79)

2.3 A obra e a crítica literária

Candido classifica o discurso crítico-literário consiste em um objeto de educação e de formação literária pouco produzido e veiculado na atualidade. Tal discurso tinha, em especial na década de 40, um papel social relevante, pois, quando veiculado nos jornais impressos, dispunha do poder de conduzir o leitor do jornal, que se deparava com a crítica, a ler uma determinada obra literária.

De acordo com Antônio Candido a crítica literária de uma obra tem por objetivo induzir o leitor para determinado fato abordado, e Clarice em suas obras tinha a intenção de levar os leitores a refletir sobre o sujeito em crise, fazendo análise do comportamento do próprio sujeito tanto individual como socialmente. No caso da sua obra *A Hora da Estrela* ela nos leva a uma história de uma moça nordestina que tenta sobreviver em uma sociedade que não a aceita por sua origem, posição social e aparência.

Antipatia, preconceito, respeito, emoção, vida, são palavras que estão presente em toda a narrativa de *A Hora da Estrela*, obra esta que expõe por um lado a revolta do narrador sobre padrões exigidos pela sociedade a respeito do lugar de origem, e por outro a perfeição corporal.

O acontecimento narrativo se dá no acidente que provoca a morte da protagonista no final da obra. Antes de partir ela ficara no chão como se fosse um nada, enquanto o autor decide se ela morre ou sobrevive, pois os dois finais ela continuará sem fazer falta. Sobre isso, Edson Ribeiro, da Silva em seu livro *Enunciação em A Hora da Estrela* (2016, p.26) corrobora:

A obra instiga, é original, foi produzida por uma autora reconhecida pela elaboração de estratégias literárias complexas. Uma escritura complexa, não linear, que adota procedimentos individualizantes para representar as categorias enunciativas. Algo capaz de evidenciar um relacionamento entre a busca pela subjetividade que se quer mostrar, que é marca de autoria, e os aspectos essenciais do discurso, universais, tais como os define a Análise de Discurso.

Homero Bergamaschi Dutra, em seu artigo *O direito ao grito: A metáfora em A Hora da Estrela* (2007), comenta sobre a autora está durante sua produção literária, constantemente discutindo sua própria finitude. Nas palavras finais do livro *A hora da estrela*, ela mesmo levanta a pergunta se até mesmo ela morre. E tendo como base tais elementos na obra, é preciso atentar-se a interpretação de tudo escrito por Clarice, já que sua obra está ligada, em diversos momentos, ao conceito de epifania: o desvelar do ser através do entendimento que o mesmo tem de si e do mundo que o rodeia. A protagonista era cobrada pela sociedade, havia um vazio, solidão, busca continua de uma felicidade inalcançável mais só o que obteve foi a rejeição da sociedade.

Macabéa sai do Nordeste com expectativa de uma nova vida, uma nova oportunidade de ser feliz. Sem seus pais ela se ver sozinha tentando pertencer a algum lugar, porém como o narrador propusera, ela deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia.

Segundo Benedito Nunes (1989) três histórias se conjugam, num regime de transação constante em *A hora da estrela*. A primeira conta a vida de uma moça nordestina que o narrador, Rodrigo S. M., surpreendeu no meio da multidão, a segunda e desse narrador interposto que reflete sua vida na da personagem e a terceira e da própria narrativa.

A ligação de Macabéa e Rodrigo S. M se dá nas coincidências da vida dos dois e ao percorrer todo o enredo da história fica claro perceber que Clarice fala de si própria tanto através do narrador como da própria Macabéa.

É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. (Lispector, 1977, p.11)

Ainda segundo Nunes em *A hora da estrela*, Rodrigo se faz personagem; e a sua vida se compõe á medida dessa existência outra, fictícia, da moça nordestina, cujo destino uma estrela desfavorável abrevia (ela morrerá atropelada por um automóvel ao atravessar a rua), toma forma à proporção que, debatendo-se com as palavras, expõe, a modo de uma terceira história, as peripécias da narração.

A escritora fez de suas narrativas uma arma de denuncia social que trabalha o inconsciente do sujeito de uma forma que elas vieram a se tornar atemporal por colocar o sujeito como tema principal. Clarice denunciava uma sociedade corrupta, preconceituosa, que excluía mulheres, que separava seus cidadãos que formava famílias apenas de status social.

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais estão presentes nas diversas manifestações da ficção e, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (Candido, 1995, p. 177)

Segundo Antônio Cândido a literatura é um meio de denuncia social de determinada época, através dela os valores de uma determinada sociedade são expostos, ela pode apoiar uma determinada causa, porém pode se negar.

Tendo em vista, que Lispector em seus romances levanta questionamentos, sentimentos e sensações de pessoas com vidas extremamente comuns. A escritora Clarice te leva para outra posição social pouco conhecida e isso a diferencia de todos os outros escritores de sua época por que ela além de trabalhar a psique do sujeito ela denuncia uma sociedade acomodada com um sistema injusto e preconceituoso em relação a minoria.

3 MIGRAÇÃO E O PRECONCEITO REGIONAL

O conceito de preconceito segundo os dicionários significa sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância. Historicamente, o preconceito é um tema bem abordado no campo literário. Porém esse termo engloba vários tipos, sendo um deles denominado preconceito regional.

A literatura no início de 1922 inicia uma releitura crítica dos símbolos da nacionalidade, buscando liberdade de criação que até então não pudera, e isso se dá, por meio do evento que recebeu o nome de Semana de Arte Moderna, esse movimento ficou conhecido como primeira fase do modernismo no Brasil, e sucedera com a segunda e terceira fase. A partir dessa escola literária inúmeras obras passam a fazer críticas regionalista, às quais abordam o preconceito regional mostrando as causas e consequências, expondo uma realidade que antes a literatura não conhecia.

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato de pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. (Durval Muniz de Albuquerque Júnior, 2017, p. 12)

Desta forma, o preconceito regional está ligado diretamente a migração, por simplesmente pertencer a outro território ou região. Durval Muniz (2017) destaca ainda que as obras que nos interessa discutirmos o tema do preconceito quanto à origem geográfica, são aquelas que tratam da emergência das nações modernas e do nacionalismo como discurso e prática que, paulatinamente, irão acompanhá-las. E que as nações ou Estados Nacionais, como conhecemos hoje, nem sempre existiram.

Entre os anos de 1960 e 1980, as migrações no Brasil atingiram seu topo, quando se viu com uma grande quantidade de deslocamento de pessoas para outras regiões. Um exemplo desse fluxo migratório foi a inauguração de Brasília e o avanço do agronegócio nas regiões Centro-Oeste e Norte do país que por si atraíram vários

imigrantes dentro do território brasileiro. Já em direção a Região Sudeste do país, esse processo se deu por conta da industrialização e pelo seu rápido desenvolvimento em relação as demais regiões.

3.1 As conceituações de migração

3.1.1 As implicações da migração e o preconceito geográfico

O termo Migração significa o ato de trocar de país, de região, de estado ou até de domicílio. Esse tipo de movimento é consequência de muitos fatores econômicos, religiosos, sociais e políticos. Na história do Brasil, o processo migratório dessa espécie, estiveram e ainda estão relacionadas a esses ciclos, onde a população é atraída por melhores condições de vida e benefícios sociais.

A migração, ainda que resultante da decisão individual é um processo social inerente á própria sociedade onde se insere. (Durham, Eunice, 1984)

Segundo Eunice mesmo que a decisão de se deslocar para outro lugar seja individual, as consequências resultantes desta decisão se tornam um problema social, onde toda a sociedade se torna responsável por aquele indivíduo.

No livro Migrações, implicações passadas, presentes e futuras (2012), introduz que as migrações das áreas rurais para urbanas e industriais no Brasil, no período de 1930 a 1970, inspiraram trabalhos clássicos da sociologia brasileira, que se tornaram referência obrigatória para os estudiosos das migrações, com esses trabalhos fundamentavam-se no paradigma histórico-estrutural, em que as migrações resultavam de fatores de expulsão e de atração, expressando transferências de populações de regiões ou setores econômicos considerados estagnados, arcaicos ou tradicionais para regiões modernas ou em desenvolvimento. Tais estudos tendiam a enfatizar o caráter definitivo das migrações rurais-urbanas ou entre as regiões Nordeste e Sudeste.

O autor explica esse fluxo migratório existente devido a ausência de algo em uma devida região que causa a sua partida, expulsão, e a existência desse elemento em outra, causando assim a atração, sua ida para a tal.

Entre os anos de 1960 e 1980, as migrações no Brasil atingiram seu topo, quando o país se viu com uma grande quantidade de deslocamento de pessoas para outras regiões. Um exemplo desse movimento migratório foi a inauguração de Brasília e o avanço do agronegócio nas regiões Centro-Oeste e Norte do país que por si atraíram vários imigrantes dentro do território brasileiro. Já em direção a Região Sudeste do país, esse processo se deu por conta da industrialização e pelo seu rápido desenvolvimento em relação as demais regiões.

São Paulo foi o estado que mais recebeu esses imigrantes pelo fato de fornecer maiores oportunidades de emprego em razão desse processo de industrialização desenvolvido.

“Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo, nós vamo a São Paulo, viver ou morrer”. (Patativa do Assaré)

Esse é um trecho de O Canto de Migração de Patativa do Assaré, onde ele descreve a ida do nordestino ao estado de São Paulo em busca de sobrevivência, uma fuga da extrema seca do Nordeste.

O Nordeste, é uma região que mais perde habitantes por causa dos grandes deslocamentos de pessoas, e o Sudeste é o que mais recebe imigrantes. Ao deixarem seu lugar de origem esses sujeitos são obrigados também a deixar muitas vezes suas raízes, costumes, religião, sua maneira de viver. E às vezes essa busca por melhores condições de vida coloca essas pessoas em uma posição de indefesa, simplesmente por que cada região tem seus costumes e sua maneira de viver.

O ato de migração na realidade integra dois fatores, o qual antes o deslocamento desses imigrantes estava relacionado a busca excessiva por alimento, mas já na atualidade essa deslocação é fruto simplesmente da desigualdade do país, da falta de oportunidade em que algumas pessoas tendem a enfrentar, e isso ocorre simplesmente pela má gestão econômica.

E o preconceito regionalista está ligado diretamente á esse fluxo migratório. Ele é muito grande entre os cidadãos brasileiros e cresce cada vez mais, e os que mais

sofrem essa consequência são a região Nordeste e Norte do país, pois são lugares onde falta o acesso a uma educação de qualidade, falta oportunidade de emprego e os serviços básicos não são disponibilizados de uma forma acessível a todos.

De acordo com o pensamento do filósofo Franco-Magrebino Jacques Derrida, o imigrante deveria ser acolhido com hospitalidade, como ser humano, mesmo que não contribuísse com a sociedade que o acolhesse. Para além dessa ideia humanista, pode-se afirmar que pessoas refugiadas contribuem com sua inteligência, sensibilidade, emoção, visão de mundo e trabalho, influenciando a sociedade e a comunidade. (Rodrigues, Gilberto M. A, 2019, P. 8)

O que ocorre no Brasil é que não existe essa hospitalidade entre os próprios brasileiros e muitos vivenciam essa situação como resultado da desigualdade social existente no país.

O Brasil hoje não é europeu, africano, asiático, indígena. Nós somos a mistura exata de tudo isso, completamente diferentes das nossas origens, únicos. E apesar disso, estamos indiscutivelmente atrelados aos princípios da nossa matriz. Talvez o ano 2000 possa servir para abrimos os olhos e, em vez de comemorarmos os nossos cinco séculos coloniais, enterrarmos o que sobrou deles. (Bagno, Marcos, 2007, P. 27)

O Brasil ainda é considerado um país subdesenvolvido por que ainda possui uma má distribuição de renda, tendo um alto índice de pobreza. É um país em desenvolvimento, porém não consegue ainda controlar a desigualdade social que existe. 40% da sua população são migrantes, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essas migrações internas no país se intensificaram-se no século XX e estão diretamente ligadas à dinâmica econômica do país.

Migrar muitas vezes não é uma escolha, pois se deslocar para um lugar diferente do seu por questões de sobrevivência é uma decisão que a própria sociedade impõe ao indivíduo que nela é inserido. Para quem precisa sair de sua terra de origem rumo a uma outra região, não é fácil. Cada lugar tem seus costumes, sua forma de falar e

sua ideologia. Um imigrante além de enfrentar uma nova realidade em outro lugar ele fica a mercê de conhecer e viver o preconceito.

Ao lermos a história do Nordeste saberemos que ele era o principal produtor de cana-de-açúcar da época, mas deixou de ser o fornecedor das riquezas do país deixando sua população desamparada. Nordeste viveu quatro grandes secas, a desregulamentação do setor, levaram a produção a despencar gerando um cenário de desemprego e o nordestino, perdeu suas fábricas que seguiram para o Centro-Sul.

Devido a queda da produção da cana de açúcar milhares de nordestinos se viram obrigados a ir para outros locais do país em busca de sobrevivência, em busca de emprego para poderem se manter. O lugar que antes acolhia se viu como o lugar que desloca e até os dias atuais o Nordeste ainda é a principal região que mais sofre com essa situação.

Segundo a matéria sobre a importância dos nordestinos para o desenvolvimento de São Paulo publicada no site Fundação ABH com a abolição da escravidão, o imigrante europeu veio substituir a mão de obra escrava do africano. Com a industrialização, migrantes brasileiros de diversas regiões do país, sobretudo do Nordeste, vieram substituir a mão de obra do europeu.

O que era pra ser um recomeço, para muitos pode ser continuidade de uma busca pelo direito de ir e vir. Uma mesma nação, entretanto, existe o tratamento diferente entre os cidadãos brasileiros. Antes se falava em divisão da população por classes sociais e econômicas, mais aos dias atuais, frequentemente nos deparamos com assuntos que tratam da separação regionalista. Cada pessoa se acha superior aos demais e isso ocorre entre pessoas de uma mesma nacionalidade.

3.1.2 O preconceito regionalista na literatura brasileira

O preconceito regional, embora seja um assunto pouco discutido no âmbito literário, possui uma trajetória na literatura brasileira. Para Candido (2004) Talvez se possa dizer que os romancistas da geração dos anos 1930, de certo modo, inauguraram o romance brasileiro, porque tentaram resolver a grande contradição que

caracteriza a nossa cultura, a saber, a oposição entre as estruturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior – entendendo-se por litoral e interior menos as 18 regiões geograficamente correspondentes do que os tipos de existência, os padrões de cultura comumente subentendidos em tais designações. Essa dualidade cultural, de que temos vivido, tende, naturalmente, a ser resolvida, e enquanto não for não poderemos falar em civilização brasileira.

Nas palavras do autor a literatura modernista no Brasil tentou resolver o problema de oposição entre a sociedade, mais segundo ele enquanto houver dualidade cultural não se pode tratar de civilização brasileira, uma vez que civilização é o conjunto de caracteres próprios da vida social, política, econômica e cultural de um país ou região.

Literatura e sociedade, uma das obras mais conhecidas do autor, em sua nona edição, fala que a verdade que a literatura é um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre. Ou seja, a literatura brasileira em suas obras já apresentava o preconceito regional em suas entrelinhas, pois era uma ocorrência social que já vivenciava.

A literatura brasileira na época da fase modernista no Brasil explorava aspecto regionalista cultural, as narrativas da segunda fase faziam menção sobre o início da seca, das dificuldades que o sertão nordestino começaria a passar, tratava das características do lugar, dos povos, da economia e política. Autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado entre outros.

A obra regionalista de Rachel de Queiroz *O Quinze* (1930) apresenta a seca que assolou o Nordeste em 1915. “Chegou à desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.

Outra obra também abrangente a essa fase, é *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Ele traça uma crítica social retratando as dificuldades encontradas por uma família pobre de retirantes. Eles têm de conviver constantemente com a miséria e a seca que assola o sertão nordestino. Além de mostrar a falta de ensino educacional que também não se tem direito.

Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivesse dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos. (Ramos, Graciliano, 2012, p. 35)

Esse romance retrata a realidade do nordestino na época em que a seca começou a assolar a região. Esse foi um dos fatores que começou a impulsionar a migração nordestina para as demais regiões do Brasil.

Ao longo da obra de Graciliano Ramos o romance *Vidas Secas*, sugere que o pobre está jogado à sua própria sorte, sem saída, sem chance de alguma melhoria social e econômica, por isso a família de retirantes anda sem rumo, mas quando a seca atinge a fazenda isso faz com que toda a família se desloque novamente, só que desta vez, todos vão para o Sul, em busca da cidade grande, sem destino e sem esperança de vida.

Percebe-se que a partir destas obras, o processo migratório se iniciou no Nordeste por consequência primeiramente devido a seca que se instalou no território. Para compreender as causas do preconceito que esse povo sofre é preciso estudar todo esse processo de migração: causas e consequências.

4 AS CARACTERÍSTICAS DO PRECONCEITO REGIONAL EM A HORA DA ESTRELA

Durval Muniz de Albuquerque explica que para entendermos muitos dos preconceitos que marcam os brasileiros é necessário que entendamos como se deu a construção do Estado Nacional brasileiro, sobre que formação social este se estabeleceu, que relações econômicas e políticas o sustentaram e que discursos, veiculados por uma produção intelectual e artística, o legitimaram, deram-lhe

identidade, o ajudaram a se consolidar e se definir, ao mesmo tempo que definiam o que caracterizava nossa nação, o que era singular em nossa natureza, em nosso povo, em nossa história e nas relações que mantínhamos e manteríamos com os outros daí por diante.

Em sua narrativa *Preconceito* contra a origem geográfica e de lugar, aborda a formação do Estado brasileiro e o surgimento de diversos preconceitos para o autor o período pós-independência foi caracterizado pela mesma manutenção da estrutura vigente que existia no período colonial, sendo assim, a emancipação não provocou mudança no âmbito político, econômico e social, e a riqueza e controle do Estado permaneceram sob domínio das elites agrárias, as atividades agrícolas e de exportação seguiram como principal prática econômica no país.

Ainda em sua narrativa no capítulo 3, Durval (2017) especifica que no Brasil, o preconceito de origem geográfica marca, especialmente, os nordestinos. Este preconceito se expressa, por exemplo, através dos estereótipos do “baiano” e do “paraíba”, denominações que são usadas genericamente em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, para se referirem aos migrantes vindos da região Nordeste. Ao nordestino ainda estão vinculados outros tipos sociais vistos com certo desprezo, com comiseração ou com medo, como: o retirante, o flagelado, o migrante, o pau-de-arara, o arigó, entre outros.

Na novela *a hora da estrela* os traços do preconceito regional analisados se encontram nas palavras do narrador no início da obra. Ele expõe o motivo que o levou a contar a história de Macabéa. Foi nas ruas do Rio de Janeiro que ele notou o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. E sem falar também que o mesmo se criou no Nordeste. Ele decide desencadear essa história que envolve denúncia social, emoção, e sentimento de incapacidade de não poder mudar histórias dessa natureza.

A linguagem de Lispector na obra é clara. Ao ler a narrativa o narrador é como se fosse a própria Clarice descrevendo sua vida. A mesma migra do Nordeste para o Rio de Janeiro e talvez ela mesma se sentia a protagonista de sua obra.

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai

dela por- que meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. E se for triste a minha narrativa? Depois na certa escreverei algo alegre, embora alegre por quê? Porque também sou um homem de hosanas e um dia, quem sabe, cantarei loas que não as dificuldades da nordestina. (Lispector, Clarice, p. 17)

Nesse sentido, a nordestina é caracterizada antes da sua história ser contada: ninguém a quer, virgem, inócua, não faz falta a ninguém. seu ritmo é às vezes descompassado. Desse modo o nordestino é descrito através da imagem de Macabéa, a forma que ela é vista pelo autor, o nordestino também é visto pela sociedade. Nota-se, assim a visão errônea das características nordestina descritas.

Este Nordeste, construído a partir do que seria a realidade sertaneja, vai retomar aquelas imagens e aqueles enunciados que haviam sido produzidos, no século XIX e início do século XX, em torno do sertão, do sertanejo e da seca. Figuras como as do flagelado e do retirante ou mesmo a narrativa da retirada, temáticas que vão surgir, por exemplo, na literatura cearense do final do século anterior, vão ser retomadas e agora agregadas ao conceito de Nordeste. (Albuquerque, Durval Muniz de, 2017, P. 129)

O preconceito geográfico, como já elencado anteriormente, se dá a formação e conceituação dada na construção do território nordestino, os eventos ocorridos na formação do território e eventos naturais resultaram em grande mudança dessas pessoas para outros lugares. Vale ressaltar, que preconceito é uma opinião formada precipitadamente, sem maior ponderação, um conceito formado antes de se ter os conhecimentos necessários.

E é isso que ocorre com os nordestinos migrantes. Eles são julgados apenas pela aparência e regionalidade. Não se dão se quer o direito de voz para se apresentarem.

4.1 Macabéa

Antes de começar a contar sobre a vida de Macabéa o narrador primeiro a caracteriza “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham.

Na obra escolhida para análise, a personagem Macabéa não é uma heroína, como em muitas narrações costumam representar seus protagonistas. Ela é uma moça ingênua, sozinha, sem conhecimento crítico, analfabeta. Onde quebra tabus sociais, mostrando uma realidade contrária as mostradas geralmente nas literaturas. A autora usa de palavras duras para descrever o perfil da personagem distanciando de tudo

que antes era abordado. Esta narrativa é uma denúncia social que ironiza as características de uma sociedade igualitária.

Macabéa é a representação de um povo, de uma cultura é um símbolo do nordeste. A protagonista de quem Clarice fala é um ponto que não faz sentido no meio social. Ela é uma pessoa que não se é notada. Assim como muitos nordestinos que migram para o Sul do país.

Desta forma, outro aspecto também analisado é a presença do anti-herói. As histórias mesmo sendo críticas sociais sempre representavam homens com papéis importantes, assim como as mulheres representadas na literatura eram donas de casa, mulheres cultas ou que lutavam pelos seus direitos.

Em *A Hora da Estrela*, Clarice coloca Macabéa como uma figura anti-heroica., uma moça sem beleza física, sem inteligência, sem visão crítica e que apenas existe por que por acaso nasceu.

Não há dúvida que ela é uma pessoa física. E adianto um fato: trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia? Pergunto-me também como é que eu vou cair de quatro em fatos e fatos. (Lispector, Clarice, p. 21)

No dicionário de termos literários o anti-herói não se define como a personagem que necessariamente carrega defeitos ou taras, ou comete delitos e crimes, mas como a que possui debilidade ou indiferenciação de caráter, a ponto de assemelhar-se a muita gente. É "o homem sem qualidades", do romance homônimo de Robert Musel, publicado em 1930 e 1933 (Albérès 1967: 54-75), "o herói sem nenhum caráter", da rapsódia de Mário de Andrade (*Macunaíma*, 1928), sem as qualidades ou o caráter do herói clássico, embora possua outras qualidades mais terra-a-terra. É, "não raro, um agitador e um perturbador" (Brombert 1999: 2). E que apenas ostenta relevo porque selecionado pelo escritor da massa humana onde se inscreve. (MOISÉS, 2004, p. 28)

Nessa narrativa, o narrador é onisciente intruso, recebendo esse nome pois ao mesmo tempo que narra a história, critica os personagens e insere juízos de valor sobre algumas ações. Assim, ele é livre para julgar e se posicionar sobre os fatos da trama e, portanto, apresenta sua opinião.

Na obra o narrador tem um papel bastante importante nas características apresentadas sobre a personagem. Macabéa não tem voz, tornando assim o narrador como o único possuidor da palavra. O narrador Rodrigo é frio nas palavras e não é sentimentalista em relação a ela. É como se o narrador fosse a sociedade falando da protagonista.

Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria. (Lispector, Clarice, p. 13)

Observa-se, deste modo através do posicionamento do narrador a visão que ele tem sobre a personagem, ele apresenta a história da nordestina de uma forma chocante aos leitores que até então não tinham esse contato com o preconceito regionalista e nem com características de uma personagem principal deste estilo.

A condição de Macabéa, é controlada pelo narrador, pelo meio e principalmente pelo autor. Ela mantém-se à toa e em silêncio durante todo o enredo. E quando ela finalmente acredita que terá seu momento na verdade, o narrador continua a decidir por ela, se ela morre ou continua sobrevivendo.

Eu ainda poderia voltar atrás em retorno aos minutos passados e recomeçar com alegria no ponto em que Macabéa estava de pé na calçada – mas não depende de mim dizer que o homem alourado e estrangeiro a olhasse. É que fui longe demais e já não posso mais retroceder. Ainda bem que pelo menos não falei e nem falarei em morte e sim apenas um atropelamento. (Lispector, Clarice, p. 80)

A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição. A sociedade se preserva e se omite. Assim, a morte de Macabéa serve como um calar, o silêncio de um povo oprimido pelo meio. Não se quer, quem chorasse por ela.

Na enunciação em a hora da estrela, especifica o pensamento de Hélène Cixous (1999), onde ela dedica toda uma parte de seu estudo intitulado A hora de Clarice Lispector à questão de como a autoria é definida em A hora da estrela. Em “O verdadeiro autor”, a escritora francesa focaliza a questão de ser tal romance a última produção de uma escritora que sabe que vai morrer e que precisa dar às suas últimas

palavras a projeção de algo que permaneça como um testamento não apenas literário, mas também autoral.

Nesse sentido, Clarice pode ter vivenciado essa história por dois lados, ela pode ter sido o narrador em um determinado momento e em outro também já ocupou o lugar de Macabéa. Como ela saiu do Nordeste para o Rio de Janeiro, talvez a escritora vivenciou alguma situação parecida com a qual, ela conta. Com o passar dos anos vivendo na cidade pode ter visto também uma moça com as características da nordestina passando pela mesma situação a que seu livro narra.

4.2 O silêncio de Macabéa

A constituição Federal de 1988 garante a liberdade de expressão, “É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”. Em *A Hora da Estrela* o narrador não dá esse direito a personagem, ela não fala, não tem espaço para ser ouvida. Suas características principais são sempre descritas pelo narrador da forma que ele a vê fisicamente, ela não tem direito se quer a sonhar um novo futuro, pois quando ela acredita que vai poder recomeçar, na verdade seu fim na trama.

Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito. (Lispector, Clarice, p. 80)

A todo momento da narração espera-se um novo desfecho para Macabéa, no entanto a situação da moça não tem esse final esperado. A nordestina de quem tanto Rodrigo falara ela não tem se quer direito ao seu último grito. A moça não seguia padrões que aquela sociedade determinava: não possuía beleza, não tinha inteligência, e não era carioca. Talvez por isso sua cara estava mansamente voltada para sarjeta, para que entendesse que não poderia estar ali, no meio deles.

A nordestina se quer teve o direito de gritar diante da sua situação, Macabéa foi silenciada e como ele dissera, talvez um dia sua raça teimosa reivindicara o seu direito o grito. A todo momento da narração espera-se um novo desfecho para Macabéa, no entanto a situação da moça não tem esse final esperado. A nordestina de quem tanto Rodrigo fala vai simplesmente deixar de existir e não fará falta alguma a sociedade.

No livro *a Enunciação em A Hora da Estrela* de Edson Ribeiro (2016) o locutor usa de suas próprias palavras para traduzir o discurso de um outro (discurso relatado). O discurso relatado, também indireto que ele se refere, é um recurso que garante que a voz que se imiscui no relato do locutor não interfira a ponto de quebrar a sequência do enunciado. Essa voz parece subordinada à voz do locutor, enquanto que, no discurso direto, ela parece evadir-se desta.

Para o escritor, o discurso relatado, indireto, não é um procedimento muito frequente em *A hora da estrela*. Uma das razões é a pouca disponibilidade de Macabea para a palavra. Ela não sabe se comunicar. Nem em termos de linguagem monológica. A narrativa deixa evidente que a vida interior da personagem era rasa.

E essa pouca disponibilidade para a vida do interior como o autor pensa faz com que quase não existam relatos de pensamentos formulados pela personagem. Quando os pensamentos ocorrem, eles se envolvem na voz do locutor. Da mesma forma, dialogar é, para personagem, sempre uma experiência traumática. Quase não há relatos de diálogos curtos em discurso indireto. O locutor opta por registrar os diálogos encetados pela personagem fazendo ouvir a voz desta.

Para Hélène o jogo que Clarice estabelece é o de conhecimento da existência de duas vozes que assumem para si a autoria. O que as diferencia e a abrangência que a elas é automaticamente referida dentro da proposta clariceana. A voz do narrador, anteriormente definido aqui como locutor 2, percorre quase uma centena de páginas, falando de si inúmeras vezes, assumindo a condição de criador da obra, expondo a seus leitores as condições de elaboração da mesma (paratopia), criando em relação a eles um nós de natureza inclusiva, forma de eliminar distâncias e evidenciar a natureza dialógica da obra que se elabora.

A falta de comunicação de Macabéa com o mundo, o escritor evidencia como consequência de suas origens. Ele, evidencia que a vida que ela levava no interior foi a grande causa desse silêncio. Percebe-se então, outra visão sobre esse calar da personagem. Sua maneira de vida e o direito de fala que pode ter sido tirado pela sociedade.

A moça não seguia padrões que aquela sociedade determinava: não possuía beleza, não tinha inteligência, e não era carioca. Talvez por isso sua cara estava mansamente voltada para sarjeta, para que entendesse que não poderia estar ali, no meio deles.

Everardo P. Guimarães Rocha, no seu livro *O que é etnocentrismo?* (1984), explica a definição de que Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.

... a tendência universal de considerar nossa própria cultura e tipo racial superior leva ao aparecimento de diferentes formas de etnocentrismo..."
(Wagley e Harris, 1958).

Para Everardo, perguntar sobre o que é etnocentrismo é, pois, indagar sobre um fenômeno onde se misturam tanto elementos intelectuais e racionais quanto elementos emocionais e afetivos. No etnocentrismo, estes dois planos do espírito humano, sentimento e pensamento vão juntos compondo um fenômeno não apenas fortemente arraigado na história das sociedades como também facilmente encontrável no dia-a-dia das nossas vidas.

Na obra pode-se perceber a postura social que exclui esses indivíduos, pois são representados por um papel insignificante para essas classes dominantes. Em um momento S.M sugere que o futuro parecia vir a ser muito melhor. Pelo menos o futuro tinha a vantagem de não ser o presente, sempre há um melhor para o ruim.

Como ele disse na alagoana não havia nela miséria humana, para muitos miséria é a falta de meios de subsistência, mas para miserável é característica da falta de empatia ou algum sentimento de origem benéfica.

"É que tinha em si mesma uma certa flor fresca. Pois, por estranho que pareça, ela acreditava. Era apenas fina matéria orgânica. Existia. Só isto. E eu? De mim só se sabe que respiro. Embora só tivesse nela a pequena flama indispensável: um sopro de vida." (Lispector, Clarice, p.38)

Ao narrar a vida triste de Macabéa o narrador deixa transparecer muitas vezes suas angustias sobre a obra nas entrelinhas, para ele narrar é como se estivesse

passando por um pequeno inferno. E que nunca chegue a descrever a vida de Lázaro porque senão se cobriria de lepra.

“Se estou demorando um pouco em fazer acontecer o que já prevejo vagamente, é porque preciso tirar vários retratos dessa alagoana. E também porque se houver algum leitor para essa história quero que ele se embeba da jovem assim como um pano de chão todo encharcado. A moça é uma verdade da qual eu não queria saber. Não sei a quem acusar, mas deve haver um réu.” (Lispector, Clarice, p.38)

Nesse instante da narrativa, existe uma crítica sobre a vida da alagoana, e o narrador procura um culpado pela situação da moça, ele não sabe quem é responsável, mas sabe que existe alguém.

Em um dado momento, apesar de andar sempre distraída, ela pensa no assunto sobre classe social, e sua ingenuidade não permite entender que ela vive uma rejeição social e é vítima do etnocentrismo.

Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era *humilhados e ofendidos*. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (Lispector, Clarice, p.39)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *A Hora da Estrela* foi escolhida para essa análise na perspectiva de entender as causas do preconceito regional sofrido por nordestinos através da protagonista Macabéa. A investigação se instigou a biografia do autor e na participação narrativa do narrador de toda a obra. Ao decorrer da análise da obra, e do levantamento crítico sobre o tema abordado, percebeu-se que Macabéa realmente representa o povo nordestino, fato que instigou ainda mais esse estudo.

Assim, a obra foi analisada a partir do que falara o narrador e de estudos sobre causas de migração no território nordestino.

No decorrer da pesquisa, percebe-se características da vida da escritora e a presença do narrador onisciente intruso, onde também se abordou sobre esse assunto exemplificando-o. Durante todo o enredo, Rodrigo S.M assim chamado o narrador, também se abordou o fato da personagem não ter voz, sua vida foi contada apenas pela visão do narrador.

Tendo em vista, o silêncio de Macabéa, observa-se o grito da sociedade. Uma moça nordestina, sozinha, sem condições de manter uma alimentação adequada, analfabeta e em uma cidade toda feita contra ela. O grito da sociedade e o seu silêncio só esclarece que a personagem carrega sua marca ideológica que não é aceita.

A personagem Macabéa se encontra sozinha, sem amigos e à toa. Ao desenrolar da narração sempre se espera um final feliz para a moça, desde do título da obra a hora da estrela. Como será seu momento: talvez vai aprender a ler e escrever, conseguirá um novo emprego e se casará. O leitor é levado a imaginar um desfecho para a nordestina, porém se surpreenderá com o final.

A estrela da obra chamada de Macabéa, o diferencial leva a pesquisar a origem de seu nome. Seu nome é de origem hebraica que significa "lutadora" ou "combatente". Daí se explica a escolha da escritora por colocar-lhe esse nome. Lutadora, pois ela representa um povo que sempre luta por sobrevivência, sobreviveram a seca e sobreviverão a desigualdade enquanto existir, ou até se findar.

O silêncio de Macabéa faz menção ao povo do Nordeste que sofre preconceito pelo processo migratório. Trás à tona a questão do etnocentrismo característica de quem considera o seu grupo étnico socialmente mais importante do que os demais. Escancara a realidade de um povo que se quer teve direito de gritar por igualdade. A nordestina não se calou, ela se quer teve direito de falar. Mais apesar de tudo como Rodrigo S. M, ela pertence a uma raça teimosa que um dia irá poder reivindicar esse grito silenciado.

REFERÊNCIAS

NUNES, Benedito. O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

SÁ, Olga de. A escritura de Clarice Lispector. São Paulo: Vozes, 1993.

LISPECTOR, Clarice. Correspondências. Organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MOSER, Benjamim. Clarice, uma biografia. São Paulo: Cosac Naify, 2013

ALBUQUERQUE, Júnior, D. M. Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. São Paulo: 9ª ed. Ouro sobre azul, 2006.

RAMOS, Graciliano, Vidas secas. 118ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2012.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo: 3ª ed. Revista e ampliada. 1995.

SILVA, Edson R. A enunciação em a hora da estrela. Curitiba: Appris. 2016.

LISPECTOR, Clarice. Correspondências. Organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MOISÉS. Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: 1ª ed. Revista e ampliada. Cultrix, 2004.

BORELLI, Olga. Clarice Lispector: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1981.

<https://www.culturagenial.com/modernismo-no-brasil>. Acesso em 08 de Abril.